

O IMAGINÁRIO ASSEMBLEIANO E A TRANSIÇÃO DO RURAL PARA O URBANO¹

The assembly imaginary and the transition from rural to urban

Maxwell Pinheiro Fajardo²

RESUMO

As Assembleias de Deus formam o grupo pentecostal que mais cresceu no Brasil durante o século XX. Nascida na cosmopolita Belém do Pará no início do século XX, a Assembleia de Deus desenvolveu suas bases nos Estados do Norte e do Nordeste do Brasil. Posteriormente, acompanhando o fluxo das migrações internas, a igreja se estabeleceu nas metrópoles do Sudeste, não demorando em tornar-se a maior igreja evangélica do país, contando hoje com 12 milhões de membros (de acordo com o Censo 2010), seis vezes mais que a segunda maior igreja do país. Em nossa comunicação trabalhamos com a hipótese de que para alcançar tal posição os elementos culturais de ordem interna das Assembleias de Deus apresentaram um grau de elasticidade e adaptabilidade capaz de resistirem às pressões externas do contexto de industrialização e urbanização brasileiras nos ambientes em que a igreja começa a penetrar com vigor a partir da década de 1940. Diferente de outras igrejas que surgiram nas metrópoles do Sudeste em meados do século XX como a Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja O Brasil para Cristo, as Assembleias de Deus tiveram que administrar no ambiente urbano uma tradição já estabelecida em seus primeiros trinta anos de existência no

¹ O texto apresenta algumas das reflexões discutidas em pesquisa de doutorado recentemente defendida pelo autor (FAJARDO, 2015).

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador do Grupo Religião e Periferia na América Latina (REPAL-UMESP), do Grupo de Estudos do Protestantismo e Pentecostalismo (GEPP-PUC/SP) e da Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP).

Norte e no Nordeste do Brasil. No entanto, ainda que de maneira não planejada, a denominação mostrou-se capaz de moldar-se às novas condições sociais a ela impostas, garantindo seu substancial crescimento nas metrópoles.

Palavras-chave: Assembleias de Deus; urbanização; industrialização; usos e costumes.

ABSTRACT

The Assemblies of God form the Pentecostal group that most grew in Brazil during the XXth century. Born in the cosmopolitan Belém in Pará, in the beginning of the XXth century, the Assemblies of God developed its bases in the northern and northeastern states of Brazil. Afterwards, accompanying the internal migratory flux, the church established itself in the southeastern metropolis, not taking long to become the biggest evangelical church in the country, today with more than 12 million members (according to the Census of 2010), six times more than the second biggest church in the country. In our communication we work with the hypothesis that to reach such position the cultural elements of internal order of the Assemblies of God presented a degree of elasticity and adaptability capable of resisting to external pressure of the Brazilian industrialized and urbanized context in the environments that the church starts to penetrate with strength in the decades of 1940. Different from other churches that emerged in the southeastern metropolis, in the middle of the XXth century, such as the Church of the Four Square Gospel and Church Brazil for Christ, the Assemblies of God had to administer in the urban environment a tradition already established in its first thirty years of existence in the north and northeast of Brazil. However, even if not planned, the denomination showed itself capable of molding to the new social conditions imposed on it, guaranteeing its substantial growth in the metropolis.

Keywords: Assemblies of God; urbanization; industrialization; uses and customs.

INTRODUÇÃO

Um estudo que queira compreender as razões do crescimento das Assembleias de Deus no mundo urbano deve estar atento à tônica do imaginário religioso desenvolvido na denominação, que proporcionaram a criação de mecanismos de ordem cultural e doutrinária que serviram para marcar o espaço da denominação na sociedade metropolitana, exigindo a criação de estratégias diversas daquelas até então desenvolvidas no ambiente rural.

No período compreendido entre as décadas de 1940 e 1980 as Assembleias de Deus (ADs) desenvolveram uma série de práticas sociais que não se limitavam ao ambiente do culto, mas abrangiam outras áreas da vida do fiel: até mesmo sua forma de se trajar. Neste texto analisaremos alguns aspectos do imaginário pentecostal, caracterizado por metáforas que procuravam destacar o papel do assembleiano diante da “ vaidade do mundo”, ou seja, de uma série de aspectos da cultura urbana vistos como prejudiciais à fé.

1 IMAGINÁRIO PENTECOSTAL E CULTURA URBANA

O hino 212 da Harpa Cristã (o hinário oficial das ADs) oferece declarações de expressivo significado para a compreensão deste processo de constituição cultural das ADs. A letra foi composta por Paulo Leivas Macalão que utilizou como base a melodia da canção *Beulah Land*, de Charles Austin, popular em hinários norte-americanos³. Na versão original, a letra dignifica os prazeres a serem desfrutados pelos fiéis no céu⁴. Na versão brasileira, no entanto, Paulo Macalão compara a igreja a um exército em guerra ininterrupta. Uma breve análise de sua letra nos fornecerá subsídios para captarmos importantes elementos do imaginário assembleiano disseminado no período de expansão urbana da igreja. Vejamos:

Os guerreiros se preparam para a grande luta
É Jesus, o Capitão, que avante os levará.
A milícia dos remidos marcha impoluta;
Certa que vitória alcançará!

³ SOUZA Jr, Milton Rodrigues de. *Cantai e multiplicai-vos...: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da Missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

⁴ Além das ADs brasileiras, a mesma melodia é utilizada desde 1970 pelo governo das Ilhas Fiji (quando o país conquistou sua independência do Reino Unido) como base para seu hino nacional.

Refrão:

Eu quero estar com Cristo,
 Onde a luta se travar,
 No lance imprevisto
 Na frente me encontrar.
 Até que o possa ver na glória,
 Se alegrando da vitória,
 Onde Deus vai me coroar!

Eis os batalhões de Cristo prosseguindo avante,
 Não os vês com que valor combatem contra o mal?
 Podes tu ficar dormindo, mesmo vacilante,
 Quando atacam outros a Belial?

Dá-te pressa, não vaciles, hoje Deus te chama
 Para vires pelejar ao lado do Senhor;
 Entra na batalha onde mais o fogo inflama,
 E peleja contra o vil tentador!
 A peleja é tremenda, torna-se renhida,
 Mas são poucos os soldados para batalhar;
 Ó vem libertar as pobres almas oprimidas
 De quem furioso, as quer tragar!⁵

No período em estudo, a execução deste hino em ritmo de marcha por bandas com seus instrumentos de sopro e percussão em desfiles que antecediam a inauguração de templos, cultos ao ar livre e batismos servia para realçar a metáfora da igreja como um exército à procura de soldados dispostos ao alistamento. Em alguns casos, a descrição de tais eventos, que serviam também para marcar a presença da igreja no espaço público, lembravam verdadeiras paradas militares. Assim, repetia-se nas ADs o que Antonio Gouvêa Mendonça observara nas igrejas protestantes do país ainda no século XIX, quando (embora sem a ocorrência de desfiles) ganham destaque no país os chamados hinos do “protestantismo guerreiro”

⁵ HARPA CRISTÃ, 2010.

do Hinário “Salmos e Hinos”, alguns dos quais também presentes (embora com variações nas letras), na Harpa Cristã⁶:

Os hinos guerreiros começaram a surgir num momento em que a presença protestante no Brasil parecia triunfar. Eram hinos de chamamento para o combate, como que num esforço final de conquista, mas cantando desde logo o triunfo certo e seguro [...] O protestantismo guerreiro não se constitui numa guerra santa contra os infiéis, como no catolicismo guerreiro, mas numa guerra contra poderes metafísicos nos espaços espirituais.⁷

No caso assembleiano, o hino 212 foi a melhor expressão desta metáfora militar. É significativo que sua execução comece a ganhar destaque a partir da segunda metade da década de 40, momento de expressivo aumento numérico das ADs, quando, parafraseando Mendonça, a “presença pentecostal no Brasil parecia triunfar”.

No entanto, se por um lado o momento é de triunfo e as ADs já podem inclusive se aventurar a desfilar pelas ruas, por outro lado entende-se que a batalha não está concluída. Nos discursos da liderança no período, o que se expressa é que a forma de atuação das “forças das trevas” é que havia mudado em relação aos primeiros anos das ADs no Brasil.

Ao se referir ao crescimento inicial das ADs nas regiões interioranas do Norte e Nordeste, Franklin (2014) destaca que a perseguição religiosa era uma constante na criação dos núcleos assembleianos. Por parte das igrejas protestantes históricas, o autor apresenta uma série de artigos publicados em jornais presbiterianos que viam os “pentecostistas” (como os assembleianos eram chamados), como propagadores de heresias perigosas, capazes de esvaziar congregações inteiras.

Sobre este período da história das ADs, tanto Franklin quanto Alencar sublinham um discurso chamado pelo último de “teodiceia do

⁶ Não é o caso do hino 212, que por conta disto tornou-se caracteristicamente assembleiano.

⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Celeste porvir: a inserção do protestantismo no*

sofrimento”. Neste raciocínio, que servia como resposta à oposição sofrida pelos assembleianos,

Perseguição não é um acidente de percurso, um tropeço na caminhada ou uma dificuldade episódica, mas um acontecimento natural, diria mesmo, *necessário* para a confirmação da mensagem pentecostal. Por que a AD é perseguida? *Porque é verdadeira.*

Em repetidos textos, há o seguinte raciocínio: a igreja primitiva que aparece em Atos dos Apóstolos era perseguida? Sim, então a AD deve ser. [...] uma igreja formada por imigrantes pobres e seringueiros desempregados, perseguidos pela Igreja Católica e esnobados pelas denominações protestantes precisava de uma “razão espiritual” para sobreviver. A *teodiceia do sofrimento* transformou o escárnio em privilégio e a marginalização social em participação do sofrimento por amor de Cristo. Isto foi uma tremenda reviravolta na lógica do sofrimento.⁸

Se tais representações sociais em torno da temática do sofrimento ditavam a tônica de organização das ADs em suas primeiras décadas, as cidades industrializadas da segunda metade do século oferecerão à igreja outros tipos de dificuldades. Nas metrópoles, a ideia de perseguição religiosa não assume estes tons. O princípio republicano de separação entre Igreja e Estado se faz sentir de forma mais evidente nas grandes cidades, com a consequente valorização da dimensão privada da religião e perda da hegemonia do catolicismo. Por conta disso, o ambiente urbano propicia o surgimento de novos agentes no campo religioso, enfraquecendo a ocorrência de perseguições diretas.

Neste contexto de transição do rural para o urbano, as ADs vivenciam diferentes temporalidades. Na década de 50 é possível encontrar no Mensageiro da Paz⁹ relatos de perseguição com informações de apedrejamento

⁸ ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 83-84. – trechos em itálico presentes no original.

⁹ O Mensageiro da Paz, em circulação desde 1930, é o Jornal oficial das ADs brasileiras (atualmente, daquelas vinculadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB).

de templos no interior do país, ao mesmo tempo em que tais relatos são inexistentes nas matérias sobre as igrejas nas grandes cidades.

Desta forma, se no interior, a “teodicéia do sofrimento” era fator fundante no estabelecimento de uma identidade assembleiana em oposição ao catolicismo, sendo o apedrejamento de igrejas, bem como as críticas vinculadas em jornais protestantes um incentivo para a multiplicação acelerada das ADs, qual seria o inimigo (e ao mesmo tempo incentivo) para as ADs nas metrópoles? Um artigo publicado no Mensageiro da Paz em 1969 nos oferece uma resposta:

Igreja e Mundo sempre foram antagônicos. E este sempre perseguiu aquela. Os momentos áureos da Igreja Primitiva foram assinalados com o sangue dos mártires. As perseguições – todas elas, foram a alavanca que induziu o Movimento Pentecostal as sucessivas e retumbantes vitórias no Brasil. No Piauí ou na Bahia, em Minas ou no Paraná. Cada história de perseguição tem como corolário um revigoramento no Despertamento. Não somos meramente uma denominação. Somos um Movimento de Deus. Não nos deixemos embalar na ilusão de uma simpatia do mundo para conosco. É vocação da Igreja ser odiada pelo Mundo. [...] Que existe no Mundo que mereça ser imitado pela Igreja? Os crentes espirituais, sinceros, fiéis, piedosos dizem: NADA! Absolutamente nada.¹⁰

Voltemos ao imaginário do hino 212. Embora a “luta” referida na letra, como fica explícito, seja a do “*combate contra o mal*”, há que se destacar que as representações sociais assembleianas sobre os elementos que tipificam o “mal”, podem variar a depender do contexto histórico a qual nos referimos. Se nas primeiras décadas do século XX a oposição católica representava a malignidade do “*vil tentador*”, em meados do século o mal está representado, entre outras coisas, nas inovações comportamentais da sociedade moderna e urbanizada que poderiam representar a corrosão de um *habitus* assembleiano já consolidado no Nordeste do país. São os “costumes e práticas do mundo” citados no artigo.

¹⁰ ASSIS FILHO. Perigos que ameaçam a Igreja. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 39, nº8, p. 4, Abr.1969, p. 4.

Diferente de outras igrejas pentecostais que nasceram no período, neste momento as ADs têm o desafio de administrar e resguardar, em meio à todas as transformações culturais representadas no fortalecimento de uma sociedade urbana e industrial, os elementos que até então sustentaram sua identidade no *cosmos* rural. Neste sentido, a metáfora militar joga luz ao desafio do enfrentamento à cultura urbana, como indica este artigo da década de 60:

Calculemos se um grande chefe militar colocasse nas fronteiras do país um comandante para defender a nação de ferozes inimigos que o poderiam invadir; notasse depois esse comandante que inimigos mui de mansinho entravam por alguma parte e com máxima sagacidade passavam a convencer os filhos da Pátria e a receberem os seus regimes e costumes danosos que deveria fazer esse comandante? Cruzar os braços? Se conformar também? Não. Absolutamente não. Nunca, nunca. Caso contrário, seria expulso pelo seu chefe.

Nós somos comandantes constituídos pelo nosso Chefe-General Jesus Cristo, para defender a sua igreja, portanto, devemos combater tudo quanto seja contrário ao Santo Evangelho de Cristo, tudo quanto possa prejudicar a vida espiritual de sua Igreja.

Una-mo-nos, pois, amados colegas, para combatermos a doutrina da Santidade e separação do mundo de vaidade, corrupção e pecado.

Incontáveis são as maneiras em que o mundo está corrompendo os meios evangélicos e seríamos faltosos diante de Deus se nos calássemos.¹¹

Além disso, a metáfora militar e o hino 212 em particular não deixam de simbolizar a experiência histórica da própria igreja, o que talvez possa explicar a sua escolha constante como carro-chefe dos principais eventos da denominação. A expressão “lance imprevisto”, por exemplo, que aparece no refrão, cabe bem a uma igreja que a partir de determinado

¹¹ GOMES, Francisco Assis. Não vos conformeis com este mundo: a saia curta e outros perigos modernos. *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 37, nº8, p.4, Abr.1967, p. 4.

momento começa a crescer à parte de qualquer planejamento prévio de sua liderança. Sem que fossem ordenados por pastores ou enviados a partir de um plano estratégico de expansão, os migrantes espontaneamente começaram a ocupar as metrópoles e pressionam a liderança para que esta lhes fornecesse assistência nestes novos espaços que se revelariam proeminentes recintos de multiplicação da membrasia. Na imprevisibilidade dos deslocamentos migratórios novas congregações surgiram e obrigaram a denominação a tomar posição em novas “frentes de batalha”, onde acabou por reelaborar suas estratégias de combate. No entanto, conforme expressa o hino, mesmo diante de um “*lance imprevisto*” como este, é essencial que a “*milícia dos remidos marche impoluta*”, ou seja, não se corrompa com os “costumes do mundo”. Além disso, a luta deve ser assumida igualmente por todos os fiéis, imperativo que aparece em todas as estrofes e que se articula à dinâmica de estabelecimento popular das ADs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com base neste imaginário de uma luta constante contra o mal em que todos estão envolvidos e cujo objetivo final é resgatar “*as pobres almas oprimidas*”, ou seja, promover a conversão do maior número possível de pessoas, que está fundado o sistema cultural assembleiano. Para além das questões a respeito dos acordos e disputas políticas travadas entre diferentes Ministérios, permanecem nos discursos de todos os agentes do campo assembleiano metáforas como as que estão expressas no hino 212, que fornecem as representações sócio-religiosas capazes de impulsionar a membrasia das ADs a estenderam o raio de atuação da igreja a todos os espaços possíveis, já que se entende que a batalha contra o inimigo não se limita a determinado espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ASSIS FILHO. Perigos que ameaçam a Igreja. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 39, nº8, p.4, Abr.1969.
- FAJARDO, Maxwell Pinheiro. “*Onde a luta se travar*”: a expansão das *Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980)*. Tese de doutorado (História). Assis: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015.
- FRANKLIN, Ruben Maciel. *A chama pentecostal chega à Terra da Luz: breve história das Assembleias de Deus no Estado do Ceará 1914-2014*. Pindamonhangaba: IBAD, 2014.
- GOMES, Francisco Assis. Não vos conformeis com este mundo: a saia curta e outros perigos modernos. In: *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, Ano 37, nº8, p.4, Abr. 1967.
- HARPA CRISTÃ (Hinário com música). Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SOUZA Jr, Milton Rodrigues de. *Cantai e multiplicai-vos...: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da Missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970)*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.